

## GLÓRIAS E PENAS

**\*Roberto Rodrigues**

Em pouco mais de dois meses será realizado no Rio de Janeiro o grande evento das Nações Unidas - a Rio+20 - que tratará da sustentabilidade do Planeta no futuro, inclusive definindo a governança global quanto a este tema fundamental. E é notória a dificuldade que muitos organismos ligados à ONU tem de fazer cumprir as decisões multilaterais tomadas por eles mesmos ou de punir os países recalcitrantes.

Durante uma semana, o mundo todo estará observando o Brasil. Além do evento oficial ao qual comparecerão dezenas de chefes de Estado, ocorrerão reuniões paralelas, algumas muito grandes, organizadas por todo tipo de organizações privadas formais, ONGs, estudantes, ativistas e agentes das mais diferentes orientações. Em muitas delas, o agronegócio brasileiro estará sendo atacado, seja por interesses meramente comerciais de concorrentes de má fé, seja por desinformação, seja por ideologia, seja lá pelo que for. E precisamos estar preparados para responder a estes ataques.

Mais que isso, precisamos estar prontos para mostrar o que já realizamos em termos de sustentabilidade agrícola e pecuária, com nossa desenvolvida tecnologia tropical. E os números de área poupada em todos os nossos produtos agropecuários em função do aumento de produtividade são notáveis.

Igualmente espetacular é o nosso avanço em Plantio Direto, técnica no qual o Brasil já é o segundo maior país do mundo, logo abaixo dos Estados Unidos. A Integração lavoura/pecuária/floresta é outro tema que pode revolucionar o paradigma em países tropicais do mundo todo (América Latina, África e Ásia), poupando áreas florestadas e recuperando pastagens degradadas. Aliás, este é apenas um dos pontos do vasto programa lançado pelo Ministério da Agricultura que é o ABC - Agricultura de Baixo Carbono. E vale lembrar que já temos mais de 6 milhões de hectares de florestas plantadas.

Até mesmo o Código Florestal, com todas as imperfeições de um texto tão complexo e com interesses tão conflitantes, seria também um belo troféu a ser exibido com a clara perspectiva de recuperação de áreas de APP e grande redução do desmatamento da Amazônia.

Enfim, temos um extraordinário arsenal de bons exemplos de sustentabilidade que já fizemos, ao contrário de muitos daqueles que virão nos agredir.

Mas ainda temos algumas debilidades, e é preciso atentar para elas. Uma das mais delicadas é a referente à agroenergia, campo no qual por décadas o Brasil foi o grande campeão e que, agora, por pura falta de estratégia - que vem sendo reclamada há anos! - já ficou para trás dos Estados Unidos.

No passado recente tratamos de convencer o mundo das vantagens econômicas, sociais e ambientais dos biocombustíveis, da bioeletricidade e da indústria de seus derivados, mostrando nosso grande potencial de abastecer outros países. E eis-nos agora importando álcool de milho dos Estados Unidos. Que aconteceu?

Boa parte é devido a seca em 2 anos seguidos, que reduziu a produção de cana.

Mas o que está por trás disso é falta de visão (pública e privada) para um produto estratégico, porque combustível.

Além da completa falta de programa para o setor, este ainda é duramente afetado pela política de preços subsidiados da gasolina, fato que limita a competitividade do etanol.

Uma pena, e certamente seremos cobrados disso na Rio+20: de campeões da agroenergia a dependentes de etanol americano... Mas ainda dá tempo de mudar. Basta

ter vontade política na área pública, coordenação construtiva na área privada e articulação entre ambos.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**